

Wladimir Porreca

FAMÍLIAS

em SEGUNDA UNIÃO

Questões pastorais



Sumário

Apresentação.....	7
<i>Dom Dadeus Grings</i>	
Prefácio	11
<i>Dom João Carlos Petrini</i>	
Preâmbulo	17
<i>Dom Antonio Emídio Vilar, sdb</i>	
Iniciando nossa conversa.....	19
1 – Panorama histórico da família.....	27
1.1 A família primitiva.....	28
1.2 A família no período civilizatório	33
1.3 A família no período medieval.....	36
1.4 A família no período da Modernidade e da Industrialização	37
1.5 A família contemporânea	39
2 – A história da família brasileira do período colonial até a contemporaneidade.....	43
2.1 A família a partir do período colonial.....	43
2.2 A família brasileira a partir da década de 1960.....	48
3 – Abordagens contemporâneas sobre a família.....	61
3.1 Abordagem institucional.....	62
3.2 Abordagem estrutural/funcionalista	63
3.3 Abordagem das trocas.....	64
3.4 Abordagem interacionista	65
3.5 Abordagem marxista	67

3.6	Abordagem da teoria crítica	67
3.7	Abordagem hermenêutico-fenomenológica	68
3.8	Abordagem do desenvolvimento	69
3.9	Abordagem feminista	70
3.10	Abordagem relacional de Donati	71
4	A ditadura do individualismo e do relativismo afeta diretamente a estrutura e a dinâmica familiar	75
4.1	O individualismo	76
4.2	O relativismo e a pluralização	85
5	As diversas e “novas” formas de família	91
5.1	Famílias em segunda união (famílias recompostas)	96
5.2	Casais em segunda união e os filhos	101
6	A Igreja Católica e a família	107
6.1	A família: instituição natural	109
6.2	Família: unidade e indissolubilidade	110
7	Percurso histórico-documental da Igreja no Brasil sobre a segunda união	117
8	Pastoral Familiar: casais católicos em segunda união no Brasil	135
8.1	Casais católicos em segunda união: absolvição sacramental e comunhão eucarística	141
8.2	O fiel em segunda união e o sacramento da União dos Enfermos	159
9	Questões pastorais	163
9.1	A participação dos casais em segunda união nas atividades paroquiais	164
9.2	Casais católicos em segunda união e a Pastoral Familiar	169
9.3	O Batismo dos filhos de pais em segunda união	173
9.4	O casal católico em segunda união e o encargo de padrinho e madrinha de Batismo e Crisma	176
9.5	O casal católico em segunda união e a função de testemunhas matrimoniais (padrinho e madrinha do Matrimônio)	184
9.6	Princípio da Epiqueia	185
	Terminando nossa conversa	189
	Referências bibliográficas	195

Apresentação

Pe. Wladimir Porreca não é só um estudioso da família, mas também uma pessoa profundamente interessada na Pastoral Familiar, especialmente no que se refere aos casais em segunda união. Seu estudo já vem de longe. Toca numa chaga pastoral que deixa angustiadas muitas pessoas e enfrenta crises capazes de sacudir a própria estrutura da família.

Desse empenho brota a publicação que estamos prefaciando. Oferece primeiro uma panorâmica da família, ao longo dos tempos, e, depois, se detém na problemática dos casais em segunda união.

Sabemos que o ser humano não é apenas indivíduo, ou seja, o indivíduo humano constitui uma abstração. Não corresponde à realidade. Desconhece seus relacionamentos e suas circunstâncias. Na verdade, o ser humano é família; atingir um de seus membros significa afetá-la toda. Costuma ser mais dolorosa a perda de um membro da família que a amputação de uma parte do próprio corpo. Viver, na realidade, é conviver, o que equivale a dizer que quem não convive também não vive humanamente.

Olhando o conspecto histórico, dir-se-ia ser difícil definir o que seja família. Pergunta-se, por isso, mais especificamente, não o que os homens dizem ou pensam ser famílias, mas o que Deus nos revelou a seu respeito. Podemos partir, com o Pe. Wladimir, do modelo da Sagrada Família – José, Maria e Jesus – e ampliá-lo

para o seu parentesco, de modo a, semiticamente, se falar dos irmãos e irmãs de Jesus, a fim de designar todo o envolvimento familiar: o casal que se transforma em pai e mãe, os filhos e, conseqüentemente, irmãos e os demais parentes, de linha reta e colateral. Em síntese, família é relação de amor: amor conjugal, amor paterno/materno para com os filhos; amor filial para com os pais e amor fraterno entre os irmãos, para classificar a múltipla e complexa relação familiar. Falamos, em consequência, de um tríplice parentesco: de consanguinidade, quando envolve DNA; afinidade, que resulta do casamento, entre os parentes de um lado com os do outro; e de espiritualidade, produzido pelos sacramentos, através do apadrinhamento. O primeiro é, sem dúvida, indissolúvel, porque se baseia no sangue. O segundo sofre os revezes da instabilidade dos laços matrimoniais. O terceiro se prende à firmeza da fé.

A revelação divina nos certifica da indissolubilidade do matrimônio. Liga-a ao sacramento e, por isso, a torna símbolo da união indefectível entre Cristo e a Igreja. O casal cristão, ao contrair matrimônio, recebe uma graça especial que se configura por esse amor indissolúvel. Visibiliza, assim, o amor que Cristo tem pela Igreja e vice-versa.

A Igreja assumiu a realidade terrena do matrimônio em tal profundidade, que a tornou critério da vivência cristã de seus membros. Não admite, em seu seio, uma união conjugal que não se conforme a esse ditame. Considera toda tentativa de outro modelo de família uma negação da identidade cristã.

De outro lado, porém, a mesma Igreja tem consciência, profundamente expressa pelo Concílio Vaticano II, de ser, ao mesmo tempo, santa e pecadora. Compõe-se de membros pecadores, que necessitam continuamente da misericórdia divina. Passa, por isso, para a vanguarda as parábolas do pai misericordioso, do bom pastor, do perdão até setenta vezes sete. Não é, pois, de estranhar que acolha, com especial carinho e cura pastoral,

os casais em segunda união. Sabe que enfrentam problemas. Inclina-se sobre eles como bom samaritano, para colocar lenitivo sobre suas feridas.

Pe. Wladimir leva e ajuda com este livro a refletir sobre esse angustiante problema. Com o Santo Papa João Paulo II, exorta todos a acolherem bem esses casais. E na esteira do Papa Emérito Bento XVI, devemos investir na família, que ele declarou patrimônio da humanidade.

Dom Dadeus Grings
Arcebispo de Porto Alegre

Prefácio

O livro *Famílias em segunda união*, de Wladimir Porreca, é o estudo mais completo sobre a família que eu já vi; por isso, importantíssimo para compreender a complexa realidade da família, muito valorizada na nossa sociedade e na nossa cultura e, ao mesmo tempo, intensamente hostilizada e agredida.

Padre Wladimir Porreca oferece um documentado panorama da formação da família na história da civilização e no Brasil, desde o período da colonização até hoje. Em seguida, descreve suas diversas abordagens teóricas. Quase todas exaltam apenas um aspecto, geralmente ignorando a totalidade dos fatores que convergem na constituição dessa realidade.

Ele também reserva um espaço privilegiado à abordagem relacional de Donati, que constitui a maior novidade e é uma das mais adequadas. E, depois de analisar o individualismo e o relativismo como as marcas da cultura contemporânea, o autor apresenta as novas formas de família, dedicando mais atenção àquelas recompostas ou de segunda união.

A família representa o ideal mais desejado por toda pessoa, como caminho de realização humana, como possibilidade de vencer a solidão e encontrar satisfação e utilidade pela edificação da comunidade familiar, reconhecida universalmente como horizonte onde se pode desenvolver uma existência digna e positiva. Mas, ao mesmo tempo, essa terra tão desejada aparece

como inalcançável e, provavelmente por isso, a família é detestada e agredida, como se ela não cumprisse a promessa de bem e de paz, de amor gratuito e de acolhimento compassivo da qual é portadora.

Essa condição que faz da família uma terra tão desejada quanto difícil de alcançar descreve a condição humana nos seus aspectos dramáticos: ao ser humano foi dado um desejo infinito de amar e de ser amado, de encontrar beleza e significado, de mover-se por ideais nobres e grandes, mas sua capacidade é limitada, e mesmo as melhores intenções se desvirtuam pelo caminho, chegando muitas vezes ao contrário do que se tinha almejado. Há uma estrutural desproporção entre o desejo infinito do coração e a possibilidade que nós, homens e mulheres, temos de responder a esse desejo.

Por isso, necessitamos de um Salvador, de alguém que vença essa impotência radical, que supere os sinais de morte que se abrigam em nosso coração, que nos domine com sua graça, que nos envolva com sua potência divina a qual vence a morte. Aí sim pode tornar-se plenamente humano o caminho terreno do trabalho, do afeto, do amor entre um homem e uma mulher que constituem família pela graça do matrimônio. Não será um caminho isento de problemas e desafios; no entanto, podendo contar com a presença de Jesus Cristo morto e ressuscitado, cada circunstância poderá ser acolhida e vivida como espaço de comunhão e realização mais intensas.

Mas a cultura atual foge do drama e faz de tudo para negar a impotência estrutural que caracteriza a experiência humana, cultivando a ilusão de que o poder científico e técnico é capaz de salvar homens e mulheres sem recorrer a Deus, sem necessidade da graça, sem depender do Mistério.

Como a força da realidade é maior do que qualquer pretensão sonhada, os experimentos de “formas novas” de vida não conseguem encobrir a desilusão que se expande até o niilismo e a

depressão que se torna uma epidemia. A violência física, muitas vezes, é a última expressão da desesperança.

Padre Wladimir Porreca apresenta o percurso sócio-histórico feito pela família e suas tentativas atuais, abandonadas ao mais radical subjetivismo e relativismo, já que nenhum valor normativo nem ideal é reconhecido às propostas antigas ou novas que aparecem no horizonte. As tentativas são muitas e sempre mais ousadas, mas devem ignorar aspectos importantes da realidade, inclusive as doses elevadas de sofrimento que às vezes provocam em outras pessoas para garantir fragmentos de satisfação.

O Papa Emérito Bento XVI, falando aos bispos do Brasil, dos Regionais 1 e 4, em visita *ad limina apostolorum*, preocupado com essa situação, afirma:

Enquanto a Igreja compara a família com a vida da Santíssima Trindade – primeira unidade de vida na pluralidade das pessoas – e não se cansa de ensinar que a família tem o seu fundamento no matrimônio e no plano de Deus, a consciência difusa no mundo secularizado vive na incerteza mais profunda a tal respeito, especialmente desde que as sociedades ocidentais legalizaram o divórcio. O único fundamento reconhecido parece ser o sentimento ou a subjetividade individual que se exprime na vontade de conviver. Nesta situação, diminui o número de matrimônios, porque ninguém compromete a vida sobre uma premissa tão frágil e inconstante, crescem as uniões de fato e aumentam os divórcios. Sobre esta fragilidade consuma-se o drama de tantas crianças privadas de apoio dos pais, vítimas do mal-estar e do abandono, e expande-se a desordem social.

E aos bispos da Hungria, recebidos em Roma por ocasião da visita *ad limina apostolorum*, em maio de 2008, o Papa Emérito Bento dizia:

A primeira realidade que, infelizmente, paga o preço da difusa secularização é a família. [...] Estão em questão a fidelidade

conjugal e, de maneira mais ampla, os valores sobre os quais se funda a sociedade. É evidente, portanto, que depois da família, os jovens são os que sofrem as consequências dessas dificuldades.

Na primeira parte do livro, o autor analisa, com atitude de pesquisador das ciências humanas, essa realidade da família na sociedade atual. O leitor atento pode encontrar interpretações e argumentos elaborados por autores de todas as partes do mundo que ajudam a compreender o complexo processo desta realidade que estamos vivendo.

A segunda parte é dedicada às famílias de segunda união, abordando aspectos sociológicos e psicológicos; porém, a maior parte do estudo é dedicada aos aspectos teológicos e pastorais, com cuidadosa fidelidade ao Magistério pontifício. Seu objetivo é contribuir com a Pastoral Familiar do Brasil, que, atendendo ao pedido do Santo Papa João Paulo II na *Familiaris Consortio*, convoca as famílias de segunda união para renovar sua pertença a Cristo e à Igreja e a educar seus filhos na fé católica, compreendendo e aceitando as restrições quanto à participação da comunhão eucarística e dos outros sacramentos.

Estão multiplicando-se, em todo o Brasil, grupos de casais de segunda união que recuperam a alegria de sentir-se acolhidos pela Igreja e de serem convidados a construir novas famílias de maneira mais satisfatória do que puderam fazê-lo na primeira vez. Eles reaprendem, muitas vezes, a ter a luz de Cristo e do seu Evangelho e a sabedoria da Igreja como pontos de referência para construir dia a dia as relações conjugais na harmonia e na paz e para viver do melhor modo possível a paternidade e a maternidade, educando os seus filhos no amor a Cristo e à Igreja.

Não se trata de caminhos simples, porque, de um lado, esses casais, muitas vezes sem responsabilidade pelo fim do primeiro casamento, estão subjetivamente abertos à graça de Deus e desejosos de reativar vínculos de fé, de caridade e de esperança.

De outro lado, suas circunstâncias de vida configuram uma objetiva contradição com a doutrina da Igreja. Por isso, eles são acolhidos na Igreja e convidados a reconhecer a infinita bondade de Deus que continua a ser também para eles Pai amoroso e misericordioso. Mas o fato de ter quebrado os compromissos da indissolubilidade do matrimônio e da fidelidade ao cônjuge até que a morte os separe constituem empecilhos objetivos para que tenham acesso aos sacramentos e, particularmente, à Eucaristia. Eles são orientados a viver a proximidade com Jesus Cristo através da Comunhão espiritual.

Essa delicadeza pastoral solicitada pelo Santo Papa João Paulo II quer atender à grande quantidade de famílias “recompostas” e à formação religiosa dos filhos, para que possam ser, de novo, incorporados ao povo de Deus.

Padre Wladimir Porreca explica minuciosamente todas as questões implicadas nessa nova atenção pastoral; por isso, seu livro vem muito a propósito. Um longo caminho deve ser ainda percorrido e, cada passo, muito cuidadosamente avaliado e pensado à luz do Magistério, para que a Igreja, sempre Mãe e Mestre, possa oferecer aos casais de segunda união efetiva ajuda para que reencontrem paz e alegria em sua condição de vida.

Quero parabenizar o autor e agradecer pela valiosa contribuição ao caminho da Igreja no Brasil e, de modo especial, da Pastoral Familiar, e felicitar os leitores que têm um grande amor à família e que chegaram a ler estas últimas páginas, depois de terem lido as anteriores.

Dom João Carlos Petrini

Bispo de Camaçari (BA) e membro da
Comissão Episcopal da CNBB para Vida e Família

Preâmbulo

A realidade das famílias em segunda união, hoje enriquecida pelo olhar do Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, é abordada pelo Padre Wladimir Porreca, do nosso presbitério da Diocese de São João da Boa Vista – SP.

Partindo de um olhar histórico e evangelizador das famílias, o Padre Wladimir escreve com propriedade e aprofundamento epistemológico e metodológico.

Esta 4ª edição revisada do seu livro trata da história, conceitos, abordagens, reflexões sobre a Família, a partir da sua beleza no projeto de Deus e faz um entrelaçamento eclesiológico e pastoral, com o apoio da *Amoris Laetitia*.

Este livro foi, é e será um valioso instrumento pastoral e acadêmico para orientar e iluminar muitas famílias cristãs no Brasil e no exterior. Ele vai auxiliar os agentes de pastorais e os líderes religiosos católicos a encontrarem diferentes caminhos para acolherem, discernirem e integrarem as diversas formas de famílias na vida eclesial cristã/católica.

Bendigo a Deus pela vida e pelos estudos do nosso querido Padre Wladimir e faço votos que seus estudos e publicações continuem auxiliando as famílias a serem mais parecidas com a Família de Nazaré.

Assim, a família, célula da Igreja e da sociedade, contribua para a sua harmonia e estabilidade, tão necessárias para os nossos dias.

Dom Antonio Emídio Vilar, sdb
Diocese de São João da Boa Vista

Iniciando nossa conversa

*Da família depende o destino do homem,
a sua felicidade e a capacidade de dar sentido à sua existência...*

*O futuro da humanidade está
estritamente ligado ao da família.*

João Paulo II

Nos últimos anos, o número de casais em segunda união tem aumentado sensivelmente no mundo todo, e a Igreja instituída por Jesus, o Bom Pastor, para conduzir a pessoa humana e, sobretudo, os que dela nasceram pelas águas do Batismo, procura com incansável zelo materno oferecer-lhes os meios de salvação.

Como batizados, os casais católicos em segunda união¹ são acolhidos, a ponto de, quando a Igreja, como Mãe, se dirige a eles, chamá-los de “fiéis casais divorciados que voltaram a se casar”; assim, são reconhecidos naquilo que é próprio de todo batizado: ser um fiel. E por essa graça batismal recebem da Igreja Mestra as orientações e os meios necessários para que possam viver com dignidade a vocação cristã que abraçam.

A Igreja vai ao encontro dos fiéis casais e os conduz como suas ovelhas, através dos princípios da misericórdia e da verdade

¹ “Casais católicos em segunda união”, terminologia mais comum no Brasil, e “casais divorciados que voltaram a se casar”, mais utilizada nos documentos pontifícios. Ambas falam da mesma realidade.

(cf. SI 85,11): misericórdia porque, impulsionada pelo espírito do Bom Pastor, tem a missão católica de acolher, apoiar e “estender as mãos solidárias e o coração aberto” a todos os que se encontram em alguma situação de irregularidade, como ovelha ferida; verdade, porque os fiéis casais que voltaram a se casar (casais católicos em segunda união) estão numa situação irregular por terem sido infiéis ao seu matrimônio, a Deus e à Igreja, quando se uniram conjugalmente a outra pessoa, com o seu matrimônio precedente válido, contradizendo a lei divina (natural) da unidade e indissolubilidade matrimonial.

A missão da Igreja com os casais católicos em segunda união ficou mais evidente quando o Papa João Paulo II, sensibilizado e preocupado com essa realidade, juntamente com o Sínodo (1980), exortou na *Familiaris Consortio* (FC):

[...] vivamente os pastores e a inteira comunidade dos fiéis a ajudar aos fiéis divorciados que contraíram nova união, promovendo com caridade solícita que eles não se considerem separados da Igreja, podendo, e melhor, devendo, enquanto batizados, participar na sua vida. Sejam exortados a ouvir a Palavra de Deus, a frequentar o Sacrifício da Missa, a perseverar na oração, a incrementar as obras de caridade e as iniciativas da comunidade em favor da justiça, a educar os filhos na fé cristã, a cultivar o espírito e as obras de penitência para assim implorarem, dia a dia, a graça de Deus. Reze por eles a Igreja, encoraje-os, mostre-se mãe misericordiosa e sustente-os na fé e na esperança (n. 84).

Seguindo a solicitude e os desafios apresentados pela Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, no que se refere à família como um todo, e entusiasmado pelo grande e profundo apelo do nosso querido e saudoso João Paulo II, bem como para fornecer um subsídio para a Pastoral Familiar, que dedicou os anos de 2010 e 2011 à realidade dos casais católicos em segunda união,

urgiu para mim a necessidade de pesquisar e aprofundar mais a situação dos casais católicos em segunda união.

Na minha experiência de pároco em Santa Cruz das Palmeiras (SP), de educador, psicólogo e pesquisador na área “família”, deparei-me muitas vezes com situações dolorosas de muitos casais em segunda união que se sentiam excluídos pela postura da Igreja Católica, e desenvolviam uma autoimagem de “casais de segunda categoria”, o que influenciava o meio em que viviam, principalmente em relação aos filhos, e até condicionava e limitava seus conceitos e vivências familiares e eclesiais, sem que houvesse uma atitude reflexiva e crítica diante dessa realidade.

O que mais preocupava e desafiava em minhas investigações e vivências era a diversidade de informações e orientações que esses casais recebiam, muitas vezes contraditórias em si mesmas.

Constatee que o ensinamento da Igreja em relação a eles, reproduzido pelo clero e por leigos, não é homogêneo. Existe uma acentuada falta de conhecimento sobre as normas eclesiais e pastorais. A desinformação pastoral de muitos padres e bispos sobre a situação dos casais em segunda união é aceita e vivida pelos leigos como verdades da Igreja. Todavia, na realidade, são interpretações equivocadas e pouco evangélicas, gerando um sofrimento desnecessário para esses casais ou, ao contrário, causando um laxismo e relativismo permissivo, induzindo os fiéis em erro e confusão acerca da doutrina da Igreja sobre a indissolubilidade do matrimônio.

Outra grande preocupação que me motivou a tratar deste assunto foi quando, acompanhando vários casais e outros paroquianos, verifiquei que, no momento em que se aborda a situação da indissolubilidade, ocorre nos católicos uma manifestação a favor ou contra esse princípio, e alguns nem sabem o significado da palavra. Interessante que, aqueles que são a favor da indissolubilidade, quando a situam no plano de sua realidade

peçoal, mudam de postura e alegam algumas questões que legitimariam o segundo casamento na Igreja. Essa atitude indica oscilação entre preceitos católicos, que têm um caráter genérico e coletivo, e as aspirações e as experiências individuais dos sujeitos envolvidos.

A proposta deste livro é ser uma pequena contribuição/partilha dos meus estudos, pesquisas e prática pastoral sobre família, oferecendo aos membros da Igreja Católica e às pessoas de boa vontade um olhar misericordioso e verdadeiro por diversos ângulos e significados da realidade dos casais católicos em segunda união. A finalidade é procurar compreender essa forma de organização familiar e seu relacionamento com a Igreja, além de apontar pistas a questões abertas e especulativas, principalmente no campo da Pastoral Familiar. Não tenho a pretensão de que este livro seja a última palavra no assunto, mas, sim, de causar reflexão e, talvez, até estimular diálogos sobre a temática.

No primeiro capítulo, tive a preocupação de expor uma linha histórica da família para conhecer, entender, amar e vivenciar mais e melhor esse grande e precioso dom de sermos família, bem como de identificar as diversas situações que influenciaram diretamente sua estrutura e dinâmica, tanto do casal como dos membros da família até os dias de hoje.

No panorama histórico familiar, procurei, no segundo capítulo, destacar um rápido olhar sobre a família no Brasil, que, integrada no processo social, passa por transformações significativas. Verifica-se nesse breve percurso que a família brasileira, em meio às turbulências culturais e sociais que ameaçam a sobrevivência dos seus membros – em especial, a modernidade, o neoliberalismo e a globalização –, se empenha, sob novas formas, em reorganizar aspectos da sua realidade que o ambiente sociocultural vai alterando.

Para compreender o processo de reorganização e alteração que a família passou a partir de 1960, surgiram vários estudos

sobre ela e, nas décadas seguintes, multiplicaram-se os autores e escolas sociológicas, dentro das diversas pesquisas e abordagens.

Destaco, neste estudo, no capítulo terceiro, algumas teorias sociológicas desenvolvidas sobre a família. São abordagens contemporâneas, elaboradas com base na concepção do sociólogo Pierpaolo Donati (2005), que influenciam expressivamente o modo de compreender e estudar a família hoje. Sem dúvida alguma, refletem e marcam a estrutura e dinâmica familiar contemporânea, e trazem consigo as marcas do seu pluralismo, individualismo e relativismo, com exceção da abordagem relacional.

O paradigma relacional de Donati procura compreender esses processos de mudanças como uma morfogênese social, por produzir um novo tipo familiar que geralmente é contraído com a expectativa de formar uma nova família, ao se ter um(a) companheiro(a) e um relacionamento estável.

Entre tantos motivos que colaboraram para as transformações familiares na sociedade contemporânea, ressalto, no quarto capítulo, o individualismo e o relativismo que geram a pluralização e a fragmentação da família, interferindo direta e indiretamente na sua estrutura e dinâmica. Entretanto, apesar da “ditadura” individualista e relativista, o ideário e a realidade nuclear de família permanecem.

As “novas” e diversas configurações que surgiram, em especial a partir de 1950/1960, devido às transformações que a família sofre diante da cultura e da sociedade, alterando sua estrutura e seu dinamismo, levaram-me a destacar no capítulo quinto, dentre outras, a segunda união, que é o foco central deste livro, procurando maior conhecimento no que diz respeito à problemática desses casais e seus filhos, examinando o modo como eles incorporam padrões alternativos nas relações domésticas e, ainda, quais as representações que evocam essa necessidade para desempenhar sua participação ativa na comunidade católica.

Diante da realidade da segunda união, principalmente nesta 4ª edição revisada, a orientação é acolher, discernir e integrar de acordo com a *Amoris Laetitia* (n. 8), tendo sempre presente o princípio da verdade da família, uma instituição natural, criada por Deus, constituída nas propriedades essenciais do matrimônio: unidade e indissolubilidade. Esse princípio de verdade está, de forma sintética, apresentado no capítulo sexto, como condição fundamental para entender o princípio da misericórdia utilizado pela Igreja na segunda união dos batizados.

A partir dos princípios da verdade e da misericórdia, procuro demonstrar, no capítulo sétimo, através de um cronograma histórico dos principais documentos e pronunciamentos da Igreja Católica relacionados à realidade dos fiéis divorciados que voltaram a se casar e da atuação da Pastoral Familiar, a preocupação e o zelo materno da Igreja Católica para com as famílias em segunda união.

Além do cuidado histórico da Igreja para com as famílias dos casais católicos em segunda união, procuro, no capítulo oitavo, apresentar, de forma sintética, os ensinamentos da doutrina católica no que se refere à família e às propriedades essenciais da unidade e indissolubilidade matrimoniais, fundamentando e argumentando o porquê das privações e possíveis caminhos de aberturas apresentados pela Exortação *Amoris Laetitia* no que se refere à comunhão eucarística e aos sacramentos da Reconciliação e do Matrimônio.

E, finalmente, no capítulo nono, proponho em linhas gerais orientar pastoralmente os casais católicos em segunda união, e quem convive com eles, sobre algumas questões pastorais da sua participação ativa na paróquia e na Pastoral Familiar.

Agradeço às Irmãs Paulinas a oportunidade de publicar meus estudos sobre família, em especial pelo incentivo e confiança que me depositaram durante o tempo de elaboração deste trabalho.

Expresso, nesta introdução, meu amor, carinho e ação de graças pela minha família de origem, na pessoa de minha mãe e irmãos, e trago presente, nestas linhas escritas, com muita estima e saudade, a memória do meu pai, Waldomiro Porreca.

Como ninguém escreve um livro sozinho, agradeço ao Pe. Celso Braz e a todos os membros da nossa querida e saudosa Paróquia Santa Cruz, em Santa Cruz das Palmeiras (SP), que entenderam minhas ausências durante o período de elaboração do livro.

Registro aqui meu muito obrigado a Dom Antonio Emídio Vilar, nosso bispo diocesano, por me incentivar nos estudos e pelo preâmbulo desta obra; a Dom Dadeus Grings, por me ajudar nos esclarecimentos de diversas dúvidas relativas ao Direito Canônico e por gentilmente ter escrito a apresentação deste livro; e a Dom José Carlos Petrini, que escreveu o prefácio desta obra.

À Pastoral Familiar, como um todo, meu muito obrigado! Por tê-la em minha história. Seus membros me motivaram a vivenciar cada vez mais aquilo que aprendi no berço da minha família de origem: a família como lugar de perdão e festa.

Por fim, meu sincero agradecimento à preciosa colaboração de Dona Neta, de Chiquinho Bueno e, principalmente, de todos os casais católicos em segunda união.

Espero que este livro seja instrumento de evangelização e um serviço oferecido à Igreja; que possa representar uma singela contribuição para todos os que vivem e convivem com a beleza da família e, nela, a realidade da segunda união conjugal, a fim de que, conhecendo mais, possam amar mais e, assim, ser verdadeiras testemunhas da alegria pascal em família.

Panorama histórico da família

Entender de onde viemos e para onde vamos ajuda-nos a compreender e a viver mais intensamente o hoje da graça de Deus em nossa história. O hoje, que é um presente, se faz alicerçado nas raízes de um ontem e na perspectiva do amanhã.

Ninguém nasce do nada nem caminha para um nada; não somos frutos de um acaso, de um destino, ou de uma evolução em si. Somos continuadores de uma história que nasce de um Deus-amor e que tem o seu fim na plena realização do objetivo pelo qual fomos criados: sermos perfeitamente imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26).

Com a família não é diferente. A família que temos hoje é constituída de um passado e projetada para um futuro, na esperança de se aproximar cada vez mais daquilo para o qual foi instituída por Deus e chamada por João Paulo II na Carta às Famílias: “um Santuário da Vida” (n. 11).

Diversas são as teorias que procuram explicar a origem da família, trazendo informações essenciais à sua caracterização contemporânea. Algumas são de análises filosóficas e históricas, outras, das ciências sociais, e outras, ainda, da mitologia e da religião.

Nesse panorama histórico da sua origem, procuramos ter como base os eventos históricos que representam reconstruções

baseadas nos vestígios do que aconteceu para identificá-los e poder depois coletá-los, organizá-los, analisá-los, interpretá-los e descrevê-los (MASSIMI, 2002), a partir de uma ótica histórico-sociológica.

Sob essa perspectiva, para que seja possível compreender e viver melhor a vida familiar contemporânea, faz-se necessário termos contato com as nossas raízes, investigar o nosso passado e resgatar a historicidade das suas formas de organização, buscando no percurso histórico as diversas situações que influenciaram diretamente a estrutura e a dinâmica tanto do casal como dos membros da família.

Durante o período da primeira industrialização, em particular com o processo da urbanização e o trabalho feminino, colocando em crise a estabilidade da instituição familiar, bem como sua forma tradicional e os modos de vida, emerge, sobretudo, a preocupação de analisar a família com um fundamento científico-acadêmico (cf. Johann Bachofen, Friedrich Engels, Henry Summer Maine, além de Lewis A. Morgan, Frédéric Le Play e outros, na metade de 1800), suscitando, assim, seu debate sociológico e antropológico.

Baseados nesses estudos científicos acadêmicos, faremos um panorama histórico da família, da primitiva até a contemporânea, procurando sinalizar sua estrutura e dinâmica em cada período e abordagem.

1.1 A família primitiva

Através de algumas descobertas arqueológicas (MURARO, 1997; BOTT, 1976; SMITH, 1973; SCHELSKY, 1968) se entendeu que as famílias primitivas, desde épocas remotas, tinham como característica ser comunidades primitivas coletivistas, tribais, igualitárias, em que cada um dos membros ordenava e estruturava suas atividades cotidianas e acontecimentos existenciais para a vida em comum.